

Leão Tolstói

Cristianismo e anarquismo

Janeiro de 2010

Traduzido por *Railton de Sousa Guedes*
com base na versão em espanhol
publicada em maio de 2003 por *Chantal López e Omar Cortés*



Índice

Notas editoriais

Sobre a revolução.

Os acontecimentos atuais na Rússia.

Carta a Nicolau II.

Importância de negar-se o serviço militar.

Aos políticos 1.

Aos políticos 2.

Aos políticos 3.

Aos políticos 4.

Aos políticos 5.

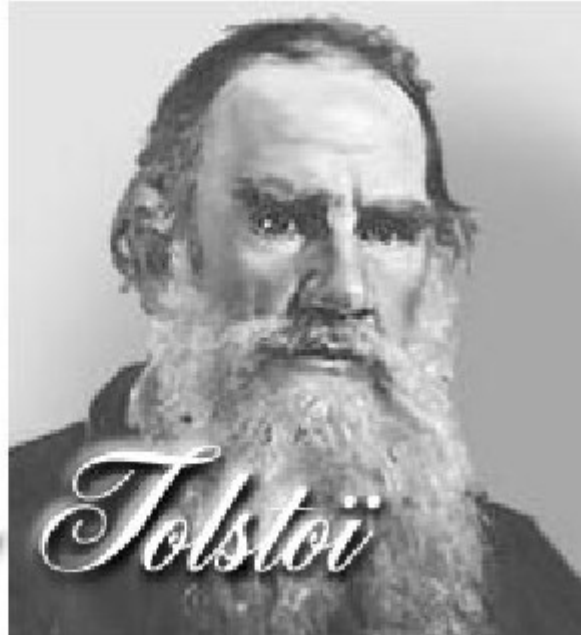
Aos políticos 6.

Aos políticos 7.

Nota da edição espanhola

Com os presentes ensaios de Leão Tolstói, trazemos de volta uma velha, árdua e constante polêmica em nosso meio: Pode haver compatibilidade entre anarquismo e cristianismo? Ou será que não existe a menor base nem mesmo para estabelecer uma ponte de comunicação?

Leão Tolstói



Há informações suficientes para asseverar que esta comunicação, de fato, se tem dado; e este pequeno trabalho, na realidade, é uma mostra inequívoca do que afirmamos. Também poderíamos falar das posturas, sem dúvida anarquistas, florescentes em várias das chamadas *seitas milenaristas* que proliferaram durante a *Idade Média* e igualmente das posições anarquistas na concepção do *personalismo mounieriano*, cujas teses passaram a formar parte do anarquismo atual através das opiniões de Carlos Diaz, fiel representante desta corrente; além das inquestionáveis análises e juízos de Ivan Illich que dão pleno testemunho da comunicação existente entre anarquismo e cristianismo.

Por estas razões decidimos publicar esta obra, já que nosso trabalho, no campo das *edições virtuais*, pretende oferecer a um amplo público todas as posições que se assemelham, acercam ou confluem para o anarquismo, independentemente das fortes polêmicas que possam gerar na comunidade anarquista internacional.

Maio de 2003, Chantal López e Omar Cortés

<http://www.scribd.com/doc/7010418/Leon-Tolstoi-Cristianismo-y-Anarquismo>

Nota da presente edição

É com satisfação que aproveito essa oportunidade para dizer aos leitores em geral e aos anarquistas em particular que, para respirar, a anarquia tem que

virar carne e osso. Sem essa condição ela é apenas uma palavra vaga, uma definição de dicionário, talvez bela, mas sem forma e vazia.

Como nos tempos de Tolstoi, ao contrário do que muitos pensam, a anarquia não apenas vive hoje, como também silenciosamente avança firme, a passos largos, ampliando seus territórios.

Plena de paz, como a água cristalina de um rio vencendo obstáculos e montanhas *contornando-os*, a anarquia segue em frente superando aquilo que Ellul chamou de *tecnologia*, que Marx chamou de *capitalismo*, que Debord chamou de *espetáculo*, que Kropotkin chamou de *competição* e que os anabatistas há cinco séculos chamam de *parque de diversões do diabo*.

Estou definitivamente convencido de pelo menos três coisas: que os melhores cristãos foram anarquistas; que os anarquistas seriam melhores se fossem também cristãos; que a coerência não está na muleta da teoria nem na definição da palavra oca, mas na realização e na prática efetiva.

Expresse tua opinião sobre esse livro também no Orkut em “Cristãos Anarquistas”. <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=6038954>

São Paulo, janeiro de 2010, Railton de Sousa Guedes

Sobre a revolução ⁽¹⁾



Não há pior surdo que aquele que não quer ouvir. Os revolucionários dizem que sua atividade tem por objeto a destruição do tirânico estado atual de coisas que oprime e deprava aos homens. Mas, para aniquilá-lo há que contar de antemão com os meios para ter ao menos uma probabilidade de conseguir isso, caso contrário, não há a menor probabilidade de derrotá-lo. Os governos existem; desde há muito tempo conhecem a seus inimigos e os perigos que os ameaçam, e por esta razão tomam as medidas que tornam impossível a destruição do estado de coisas por meio do qual se mantém. E os motivos e os meios que os governos usam são os

mais fortes que podem existir: o instinto de sobrevivência e o exército disciplinado.

A tentativa revolucionária de 14 de dezembro ocorreu sob as condições mais favoráveis; era uma época de transição, e a maior parte dos revolucionários pertenciam ao exército. E como! Entretanto em São Petersburgo e em Toulchine a insurreição foi sufocada quase sem esforços pelas tropas submissas ao governo, e logo veio o reinado de Nicolau I, inepto, brutal, que depravou aos homens e durou cerca de trinta anos. E todas as tentativas de revolução, sem tapeação, posteriores àquela, começando pelas aventuras de algumas dezenas de jovens de ambos sexos que pensavam que armando os camponeses russos com algumas centenas de pistolas, venceriam um exército aguerrido de milhões de soldados. Bastava os trabalhadores gritarem com a bandeira em mãos: *Abaixo o despotismo!* Para logo em seguida serem facilmente dispersos por algumas dezenas de gorilas e cossacos armados de chicotes. Tal repressão também foi vista nas explosões e assassinatos de 1870, precursores do 1º de março (2). Todas essas tentativas terminaram, e não poderiam terminar de outra maneira, com a perda de muita gente de valor e com o aumento da força e da brutalidade por parte do governo. As coisas não tem mudado de lá para cá. No lugar de Alexandre II veio Alexandre III, depois Nicolau II. No lugar de Bogolievov, veio Glazov, no lugar de Spiagnine, veio Plehwe; e depois de Bobrikov, veio Obolensky.

Eu ainda não havia terminado de escrever este trabalho quando Plehwe perdeu seu cargo, e para substituí-lo pensava-se nomear outro ainda mais odioso que ele, tanto que depois da morte de Plehwe, o governo tornou-se ainda mais cruel. Ninguém pode negar o valor de homens como Khaltourine (3), Ryssakov e Mikhaikov (4), e dos que mataram Bobrikov e Plehwe, que sacrificaram suas vidas para alcançar um fim inacessível. De igual maneira tampouco pode-se deixar de reconhecer o valor e a abnegação daqueles que a custa dos maiores sacrifícios incitaram o povo à revolução, e dos que imprimem e propagam folhetos revolucionários.

Mas é impossível não ver que a atividade desses homens não pode resultar outra coisa senão a derrota e a piora da situação em geral. O que faz com que homens inteligentes, morais, possam entregar-se inteiramente a uma atividade tão claramente inútil, pode explicar-se unicamente porque na atividade revolucionária, há algo de excitante na luta, no risco de vida, que sempre atrai à juventude. É comovente ver a energia de homens fortes e capazes direcionada para matar animais, percorrer grandes trajetos de bicicleta, saltar obstáculos, lutar, etc., e é ainda mais triste ver esta energia sendo gasta arrastando homens para uma atividade perigosa que destrói sua vida, ou, pior ainda, para atividades legais, ou, mais precisamente, para atividades definidas como legais, onde se proíbe, sob pena de castigo,

qualquer um que atente contra o que se reconhece ser direito dos indivíduos. Aqui, a despeito dessa definição ter como base a liberdade, o que ocorre na verdade é, na maioria dos casos, uma violação à liberdade do homem. Por exemplo, nossa sociedade reconhece o direito do governo dispor do trabalho (impostos), e até mesmo da pessoa (serviço militar) de seus cidadãos. Reconhece que alguns homens tem o direito da posse exclusiva da terra, quando sem embargo, é evidente que tais direitos, ao proteger a liberdade de uns, não apenas priva outros de liberdade, como também do modo mais brutal priva a maioria de dispor de seu trabalho e até mesmo de sua pessoa.

Definir liberdade como direito de fazer tudo o que não atinja a liberdade de alguns, tudo o que não é proibido pela lei; evidentemente, não corresponde ao conceito da palavra liberdade. E não poderia ser de outro modo, porque uma definição semelhante atribui ao conceito de liberdade a qualidade de algo positivo, quando liberdade é uma concepção negativa. Liberdade é ausência de travas. O homem é livre somente quando ninguém lhe proíbe, sob a ameaça da violência, de executar certos atos.

Os homens não podem ser livres em uma sociedade onde os direitos das pessoas estão definidos de uma maneira onde se exige ou se proíbe certos atos sob pena de castigo. Os homens podem ser verdadeiramente livres apenas quando todos igualmente estiverem convencidos da inutilidade, da ilegitimidade da violência, e obedeçam as regras estabelecidas, não por medo da violência ou da ameaça, e sim, pela convicção arrazoada.

Mas não faltará quem me objete, dizendo que não há uma sociedade semelhante, logo, em nenhuma parte pode existir a verdadeira liberdade; mesmo admitindo não haver sociedade que não reconheça a violência como necessária, esta necessidade também tem seus diversos graus. Toda a história da humanidade é a gradual substituição da violência pela convicção razoável. Ademais, a sociedade reconhece claramente a estupidez da violência, e se acerca cada vez mais da verdadeira liberdade. Isto é elementar e deveria ser claro para todos se desde há muito não se houvesse estabelecido entre os homens a inercia diante da violência e o emaranhado voluntário dos conceitos para sustentar esta violência que só é vantajosa para os dominadores.

A influência mútua pela convicção razoável, baseada nas leis de uma razão comum a todos, é própria dos homens e dos seres razoáveis. Esta submissão voluntária de todos às leis da razão e o fato de proceder cada um para com os demais da mesma forma como quer que procedam para com ele, é própria à natureza do homem razoável que é comum a todos. Esta relação mútua dos homens, que realiza o mais elevado ideal de justiça, é propagada por todas as religiões, e a humanidade não cessa de aproximar-se dela.

Por esta razão é evidente que nos espera uma liberdade cada vez maior, não pela introdução de novas formas de violência como fazem os revolucionários que tratam de aniquilar a violência existente com o emprego de outra violência, e sim propagando entre os homens a consciência do ilegítimo, da criminalidade, da violência e a possibilidade de ser substituída pela convicção arrazoada, ao mesmo tempo em que cada indivíduo vai empregando cada vez menos a violência. Esparramando este convencimento e abstendo-se da violência, cada homem tem um meio acessível e o mais poderoso: convencer-se a si mesmo, ou seja, aquela pequena parte do mundo que nos é submissa, e graças a este convencimento, separar-se de toda participação na violência e levar uma vida na qual a violência deva resultar inútil.

Pensa com seriedade, compreende e define o sentido de tua vida e de teu destino – a religião te ensinará – trata, na medida do possível, de realizar em tua vida o que consideres como teu destino. Não tomes parte no mal que reconheces e censuras. Vive de maneira que a violência não te seja necessária, e te ajudarás da maneira mais eficaz a adquirir a consciência da criminalidade, da inutilidade da violência, e procedendo assim, pela via mais segura, poderás esperar a libertação dos homens, o objetivo dos revolucionários convictos.

Não há liberdade quando não se permite dizer o que se pensa, nem quando não se pode viver como se crê necessário.

Ninguém pode obrigar-te a dizer o que não acreditas ser útil e nem a viver como não queiras, e todos os esforços dos que te contradizem não farão mais que fortalecer a influência de tuas palavras e de teus atos.

Mas essa negativa de atividade exterior, não seria um sinal de debilidade, de covardia, de egoísmo? Esse distanciamento da luta não ajudaria o aumento do mal?

Existe uma opinião semelhante; e provocada por revolucionários. Mas esta opinião não é apenas injusta, como também revela má fé. Cada homem que deseja colaborar para o bem geral de todos os homens deverá tratar de viver sem recorrer em nenhum caso à proteção de sua pessoa e de sua propriedade pela violência, deverá tratar de não submeter-se às exigências das superstições religiosas e governamentais, não deverá em nenhum caso tomar parte na violência governamental, seja nos tribunais, seja nas administrações, ou em qualquer outro serviço, não deverá usufruir, sob nenhuma forma, de dinheiro arrancado do povo pela força, não deverá tomar parte no serviço militar, fonte de todas as violências. Atento a estas coisas, este homem saberá por experiência, quais são os verdadeiros valores e quais são os sacrifícios necessários para seguir o caminho do emprego de uma atividade completamente revolucionária.

A recusa em pagar impostos ou tomar parte no serviço militar, tem amparo na lei religiosa e moral, que os governos não podem negar, apenas esta recusa, firme e atrevida, quebra as estruturas sobre as quais se sustentam os governos e isso será mil vezes mais seguro que o emprego das greves por mais longas que sejam, que os milhões de folhetos socialistas, que as revoluções melhor organizadas ou a matança de políticos.

E os governantes sabem disso, o instinto de conservação lhes diz onde está o perigo principal. Não tem medo das tentativas violentas, pois tem em suas mãos uma força invencível; mas sabem também que são impotentes contra a convicção razoável, afirmada pelo exemplo da vida.

A atividade espiritual é a força maior e mais poderosa. Move o mundo. Mas para que seja a força que move o mundo é preciso que os homens creiam em sua potência, que se sirvam dela sem mesclar procedimentos de violência que aniquilam sua força. Os homens devem saber que todas as muralhas da violência, mesmo aquelas que parecem mais fortes, não se derruba pelas conjurações, pelos discursos parlamentares, ou pelas polêmicas dos periódicos, e muito menos pelas revoluções ou matanças; se derruba unicamente pela explicação que cada um faz do sentido e do objetivo de sua vida e a execução firme, valorosa, sem compromissos, em todos os aspectos da vida, das exigências da lei superior, interior da vida. Seria bem desejável que os jovens, que não ligam para o passado, que querem com sinceridade servir ao bem dos homens, que compreendessem que a atividade revolucionária que lhes atrai, não somente não alcança um fim persuasivo, como também lhe é completamente contrário, esgota suas melhores forças da vida, pela qual podem servir a Deus e aos homens. A atividade revolucionária, com mais frequência, produz um efeito contrário ao seu objetivo, que não se alcança exceto pela clara consciência de cada indivíduo sobre seu destino e sobre sua dignidade humana, e, portanto, pela vida firme, religiosa e moral que não admite nenhum compromisso, nem por palavras ou atos, com o mal da violência que se censura e se deseja destruir.

Se um por cento da energia que é gasta agora pelos revolucionários para alcançar fins exteriores inalcançáveis fosse empregada no trabalho interior espiritual, há muito tempo essa energia haveria derretido esse mal, como a neve ao sol do verão, contra o qual os revolucionários tanto tem lutado e ainda lutam em vão.

Yasnaia Poliana, 22 julho (4 agosto 1904).

Notas

(1) Este artigo serviu de prefácio a um folheto de M. V. Tcherkov, intitulado, *A revolução violenta ou a libertação cristã*.

(2) 1º de março de 1881. Morte de Alexandre II.

(3) Tentou explodir o *Palácio de Inverno* em 1880.

(4) Dois dos autores da morte de Alexandre II.

Os recentes acontecimentos na Rússia

Há dois meses, recebi de um periódico da América do Norte um cabograma pré-pago para uma resposta de cem palavras: perguntavam minha opinião sobre *a importância, objetivo e consequências prováveis da agitação dos zemstvos*. Tendo sobre este ponto uma opinião mui clara e em desacordo com a maioria, achei por bem responder.

Aqui vai minha resposta:

A agitação dos Zemstvos tem por objetivo a limitação do despotismo e a instituição de um governo representativo. Os instigadores desta agitação esperam alcançar com ela seu objetivo ou dar continuidade à perturbação social? Em ambos os casos o resultado provável será o adiamento do verdadeiro melhoramento social, pois este não se obtém senão pelo aperfeiçoamento religioso e moral do indivíduo. A revolução política coloca diante dos indivíduos a ilusão perniciosa da melhora social pela mudança das formas exteriores, e geralmente estanca o verdadeiro progresso, o que pode ser visto em todos os Estados constitucionais: França, Inglaterra, América.



O conteúdo deste telegrama apareceu no *Moskovkia Viédemosti* com algumas inexatidões, e em seguida passei a receber, e ainda recebo, cartas cheias de censuras pela ideia que emitiu; além disso, periódicos americanos, ingleses e franceses me perguntaram o que penso sobre os acontecimentos que atualmente se desenvolvem na Rússia. Não quis responder nem um nem outro; mas depois das matanças de São Petersburgo, e dos sentimentos de indignação, de medo, de cólera e de ódio que têm provocado na sociedade, creio é dever meu explicar-me com mais detalhes e clareza, do que brevemente o fiz nas cem palavras do periódico americano.

O que direi talvez ajude alguns homens a libertar-se dos manifestos sentimentos de censura, de vergonha, de irritação e de ódio; do desejo de

luta, da vergonha, e da consciência de impotência que agora sentem a maioria dos russos; talvez isto lhes ajude a reconcentrar sua energia sobre essa atividade interior, moral, que apenas procura o verdadeiro bem tanto para os indivíduos como para a sociedade, e que sem embargo, é bem mais necessária do que as complicadas atividades exteriores que desenvolvem os atuais acontecimentos.

Eis o que penso dos acontecimentos atuais: Considero não apenas o governo russo, como qualquer governo, como uma instituição complicada, consagrada pela tradição e pelo costume a cometer impunemente a violência, os crimes mais espantosos, as matanças, a pilhagem, a promoção do alcoolismo, o embrutecimento, a depravação, a exploração do povo pelos ricos e pelos poderosos. Por esta razão penso que todos os esforços dos que desejam melhorar a vida social devem tender a livrar os homens dos governos, cuja inutilidade é em nossa época cada vez mais evidente. Este objetivo, segundo meu entendimento, se consegue por apenas um meio, e único: pelo aperfeiçoamento interior, religioso e moral dos indivíduos.

Quanto mais superiores forem os homens do ponto de vista religioso e moral, melhores serão as formas sociais sob as quais se agruparão, e o governo terá que recorrer menos aos procedimentos do mal e da violência. Caso ocorra o contrário, homens religiosa e moralmente piores, o governo será mais poderoso e será maior o mal que cometerá.

De forma que o mal causado aos homens pelo governo é sempre proporcional ao estado moral e religioso da sociedade, qualquer que seja sua forma.

Sem embargo, certas pessoas, diante de todo o mal cometido na atualidade pelo governo russo – um governo especialmente cruel, grosseiro, estúpido e embusteiro – pensam que todo esse mal não se produziria se o governo russo estivesse organizado como deveria estar, sobre o modelo de outros governos existentes (que são as mesmas instituições, boas para cometer impunemente sobre seus povos todo tipo de crimes); e para buscar remédio, essas pessoas empregam todos os meios disponíveis pensando que a mudança de formas exteriores pode modificar a estrutura.

Uma atividade semelhante me parece *ineficaz, fora da razão, arbitrária* (ou seja, que os homens atribuam a si mesmo direitos que não têm) e *inútil*.

Considero esta atividade ineficaz, porque a luta pela força – em geral, pelas manifestações exteriores (e não unicamente pela força moral) por parte de um grupo pequeno de pessoas contra um governo poderoso que defende sua existência e que para isso dispõe de milhões de homens armados e disciplinados, e de milhões de rublos – sob o aspecto do possível êxito, não é mais do que ridícula, e é evidente que, sob o ponto de vista da sorte desses desgraçados, deixando-se arrastar perdem sua vida nesta luta

desigual.

Esta atividade me parece inaceitável, posto que até mesmo na hipótese do triunfo dos que realmente lutam contra o governo, a situação dos homens não poderia melhorar.

O atual governo, que procede pela força, é tal, somente porque a sociedade que domina está composta de homens moralmente bem débeis, onde uns, guiados pela ambição, pelo lucro e pelo orgulho, sem serem molestados pela consciência, tratam por todos os meios de conquistar e manter poder; os outros por medo e também por amor à ganância e à ambição, ou graças ao embrutecimento, ajudam aos primeiros ou também se submetem. De qualquer modo e sob qualquer forma que esses homens se agrupem, resultará sempre um governo semelhante e igualmente violento.

Considero esta atividade anormal, porque os homens, que na atualidade lutam na Rússia contra o governo – os membros liberais dos Zemstvos, os médicos, os advogados, os escritores, os estudantes, os revolucionários e alguns milhões de trabalhadores separados do povo influenciados pela propaganda – por mais que creiam e se intitulem *representantes do povo*, não tem nenhum título para ele.

Esses homens, em nome do povo, exigem liberdade do governo, liberdade de imprensa, liberdade de consciência, liberdade de reunião, a separação da Igreja e do Estado, a jornada de trabalho de oito horas, a representação nacional, etc. E perguntado o povo, os cem milhões de camponeses sobre o que pensam dessas reclamações, o verdadeiro povo custará responder, porque todas essas reclamações, até mesmo a jornada de trabalho de oito horas, para a grande massa dos camponeses não tem nenhum interesse.

Os camponeses não necessitam de nada disso, o que lhes falta é outra coisa. O que esperam e desejam, faz muito tempo, o que pensam e continuamente falam – e para o qual não há nenhuma palavra em todas as proclamações e discursos liberais, e que apenas são mencionados nos programas revolucionários e socialistas – o que o povo espera e deseja é a franquia da terra do direito de propriedade, a socialização da terra. Quando o camponês usufruir da terra, seus filhos não mais irão para as fábricas, e os que quiserem ir estabelecerão por si mesmos o número de horas de trabalho e de salário.

É comum ouvir-se: deem *liberdade* e o povo exporá suas reclamações. Isso é falso. Na Inglaterra, França, e América, a liberdade da imprensa é absoluta, sem embargo, nos parlamentos não se fala da socialização da terra, não se fala da socialização nos periódicos, e a questão do direito do povo sobre a terra sempre acaba relegada ao último lugar. Por esta causa os liberais e os revolucionários, que dizem interessar-se e conhecer as necessidades do povo, não tem nenhum direito para com ele; não representam o povo, os

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

